

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19



ἩΜΕΙΣ ΤΟΙΣ ΠΑΙΣΙΝ ΤΗΣ ΠΟΛΕΩΣ
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

dechomai (receber). Este é um aspecto significativo que, na sua opinião, tem sido descurado pelos estudos que se têm debruçado sobre esta temática, apesar de directamente relacionados com o quarto passo da súplica.

Nídia Catorze Santos

ANA LÚCIA CURADO, *Mulheres em Atenas. As mulheres legítimas e as outras*, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: Sá da Costa Editora, 2008, 554 pp., ISBN 978-972-562-368-8.

É entusiasta a saudação que fazemos ao estudo agora publicado por Ana Lúcia Curado, *Mulheres em Atenas. As mulheres legítimas e as Outras*, originalmente apresentado à Universidade de Coimbra como tese de doutoramento em Letras, na especialidade de Estudos Clássicos, e orientado, aliás como prefaciado, por Maria Helena da Rocha Pereira. Baseado sobretudo em mais de uma centena de discursos atribuídos aos Dez Oradores do cânone ático, fontes particularmente ricas em informação histórica, este estudo é sintomaticamente intitulado «Mulheres em Atenas», visto que nem todas as figuras aqui analisadas eram originárias da capital da Ática, ainda que tivesse sido aí que se tivessem evidenciado. *Lato sensu*, o livro divide-se em duas grandes partes. A primeira é dedicada às mulheres legítimas, que é como quem diz as mulheres que protagonizaram relações conjugais, enquanto a segunda se centra nas Outras, ou nas que se manifestaram e evidenciaram sobretudo através de relações extraconjugais. Foi este o método escolhido por Ana Lúcia Curado para levar a cabo o seu trabalho e, quanto a nós, bem, uma vez que uma sociedade de tipo patriarcal indoeuropeu, como a grega, organiza-se tendo em conta a norma e o desvio, em que os lugares atribuídos ao género estão bem definidos.

Mas o recurso ao *corpus* dos Oradores não significa que a Autora se tenha limitado às fontes já enunciadas. Longe disso. Este trabalho é igualmente meritório pela forma como conjuga a informação, recorrendo a todo o material disponível para dar corpo, consolidar e enriquecer as conclusões a que chega, da vária literatura em prosa e em poesia (da historiografia à tragédia) até à iconografia transmitida pela cerâmica, passando pelo estudo dos silêncios retóricos. Ana Lúcia Curado metamorfoseia-se assim numa verdadeira Penélope, dado o exímio trabalho de «tecelagem historiográfica» que leva a bom termo. A título de exem-

plo, recorro a excepcional reconstrução de genealogias (pouco comum nos estudos sobre a Antiguidade), quase prosopográfica, feita a partir das informações colhidas nos vários textos analisados.

Recorrendo a uma série de estudos de caso, retirados de discursos essencialmente judiciais, e tendo em conta que «a literatura espelha a realidade social do tempo a que se reporta», Ana Lúcia Curado, que já nos ofereceu estudos sobre as rainhas herodotianas Tómiris e Artemísia, enceta um périplo em torno das principais questões relativas ao matrimónio, que vão das representações culturais e sociais a ele associadas aos aspectos mais concretos, como a negociação, o dote, a prole, a sucessão e o direito de herdar, a adopção e a relação com os direitos e obrigações cívicas, bem como com as instituições. Usando a mesma metodologia, Ana Lúcia Curado estuda na segunda parte os desvios da norma, tendo em conta as várias situações que os justificavam, como o adultério, a infertilidade feminina, o concubinato, a prostituição e até mesmo a homossexualidade. E este último exemplo é particularmente interessante, dado o contexto do caso que motiva a análise – o célebre discurso *Contra Timarco* de Ésquines – que recorre a analogias feitas com o universo feminino para atacar politicamente um indivíduo do sexo masculino. Os casos estudados servem assim de meio de prova e de confirmação da teoria ou, quando é caso disso, de correcção da mesma. A casuística é, por isso, aqui essencialmente metodológica e não um fim em si mesmo.

Não raramente, ouvimos pessoas menos informadas dizer que a mulher grega antiga vivia confinada ao gineceu. Tais afirmações chegaram mesmo a ser abusivamente escritas em manuais escolares. Se muitas vezes intuíamos que essa ideia pecava por excesso de generalização, que tal parecia não se verificar em toda a Hélade como não parecia não ser válido para todos os grupos sociais, Ana Lúcia Curado veio demonstrar, documentalmente, que essa ideia não passa de um estereótipo simplista e generalizado que deve ser erradicado das nossas análises e sínteses, por corresponder àquilo a que chama o «paradigma vitoriano da mulher grega». Efectivamente, como poderia a camponesa ática de baixa extracção competir com a tez pálida da esposa do comerciante abastado do Píreu? Esta ideia só confirma que o real é bem mais complexo do que o nosso esforço aristotélico de categorizá-lo.

De igual modo, é evidente que o perigo de um trabalho deste tipo ser afectado pela assunção de idealizações ou por problemáticas anacrónicas, tão comuns nos *gender studies*, existiu, mas a A., ciente disso, soube manter a sua perspectiva de cientista social, concluindo

apenas aquilo que as fontes disponíveis lhe permitem concluir. Como ela própria afirma: «o que para o século XXI é tema de importância capital, para a Atenas dos séculos V e IV a. C. era assunto desvanecido nos meandros do quotidiano político».

Do trabalho de Ana Lúcia Curado conclui-se ainda que, longe de ser uma espécie de parceiro social pobre do seu tempo, a mulher ateniense desempenhou um papel central na política, ainda que tácito, como prova a sua frequente instrumentalização, tanto positiva como negativa, na construção de caracteres políticos masculinos.

Neste livro, escrito num português escorreito, elegante e objectivo, há que dizê-lo, tomamos conhecimento de outras histórias que também contribuíram para a *aurea aetas* de Atenas, que não se fez apenas com as figuras de Péricles, Alcibiades, Fídias, Sócrates, Xenofonte ou Platão. Nele, encontramos os episódios de Neera, Clitarete, Agariste, Alce, das filhas de Pirro e de Aristarco, da esposa de Ménecles, da madrastra de Antifonte, e até um enredo de crime passionai, protagonizado pelo amante da mulher de Eufileto. Estou certo de que estas histórias singulares ajudarão a compreender melhor as mulheres de Atenas, evocadas por Chico Buarque de Holanda num belíssimo poema escrito em 1976 e que aqui recupero:

*Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos
Orgulho e raça de Atenas
Sofrem pros seus maridos
Poder e força de Atenas
Despem-se pros maridos
Bravos guerreiros de Atenas
Geram pros seus maridos
Os novos filhos de Atenas
Temem por seus maridos
Heróis e amantes de Atenas
Secam por seus maridos
Orgulho e raça de Atenas
Quando eles embarcam soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam, sedentos
Querem arrancar, violentos
Carícias plenas, obscenas
Quando eles se entopem de vinho*

Costumam buscar um carinho
 De outras falenas
 Mas no fim da noite, aos pedaços
 Quase sempre voltam pros braços
 De suas pequenas, Helenas.

Nuno Simões Rodrigues

ANDREW LEAR, EVA CANTARELLA, *Images of Ancient Greek Pederasty. Boys were their Gods*, London, New York: Routledge, 2008, 262 pp., ISBN 0-415-22367-9.

O livro agora publicado por E. Cantarella e A. Lear assenta sobretudo numa análise da iconografia que se pode encontrar em alguma da pintura grega feita sobre cerâmica e que consiste nas representações de *eromenoi* e *erastai*. O *corpus* documental consta de mais de um milhar de vasos, a partir dos quais se construiu esta extraordinária síntese. É precisamente esta característica que transforma a obra em causa num catálogo de fontes particularmente importante para o estudo do tema em causa. O apêndice final, elaborado com base na investigação de K. DeVries, é a evidência do trabalho rigoroso e exaustivo que temos perante nós. A investigação e os resultados que aqui encontramos revelam-se assim um complemento essencial para estudos previamente publicados, como os de Marrou, Dover, Buffière, Bremmer, Sergent, Percy, Halperin, Hubbard, Laurin, Verstraete, Provencal e Davidson⁽¹⁾.

⁽¹⁾ H.-I. Marrou, *Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité* (1948); K. J. Dover, *Greek Homosexuality* (1978); F. Buffière, *Eros adolescent: la pederastie dans la Grèce antique* (1980); B. Sergent, *L'homosexualité dans la mythologie grecque* (1984); D. M. Halperin, *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love* (1990); B. Sergent, *Homosexualité et initiation chez les peuples indo-européens* (1996); W. A. Percy III, *Pederasty and Pedagogy in Archaic Greece* (1996); T. K., Hubbard, *Greek Love Reconsidered* (2000); T. K. Hubbard, ed., *Homosexuality in Greece and Rome: a Sourcebook of Basic Documents* (2003); J. R. Laurin, *Homosexuality in Ancient Athens* (2005); B. C. Verstraete, V. Provencal, eds., *Same-Sex Desire and Love in Graeco-Roman Antiquity and in the Classical Tradition of the West* (2006); J. Davidson, *The Greeks and Greek Love: a Bold New Exploration of the Ancient World* (2007); J. Davidson, *The Greeks and Greek Love: a Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece* (2008). Para referirmos apenas que dedicaram livros ao tema. Vários outros autores escreveram inúmeros artigos e de grande importância sobre esta problemática, como J. Bremmer, que publicou *An Enigmatic Indo European Rite: Paederasty*, na revista *Arethusa* em 1980. Os mais importantes desses artigos foram reunidos em W. R. Dynes, S. Donaldson, eds., *Homosexuality in the Ancient World* (1992).